



A Taiga, ou Floresta Boreal, é um dos lugares mais remotos e de difícil sobrevivência do mundo. Localizada na região subártica, atravessa a Sibéria, o Japão, a Escandinávia, o Canadá e o Alasca.

Com Invernos longos e temperaturas a chegar aos cinquenta graus negativos, as suas árvores de folha permanente podem levar várias décadas a crescer.

A Taiga ocupa dezassete por cento da área terrestre e contém um terço das árvores existentes no mundo. O oxigénio que produz tem impacto no clima de todo o planeta.







Rui Aragão Oliveira

LIVRO DO PRAZER

Reflexões Psicanalíticas

Prefácio de Carla Alexandra Gonçalves





Título: Livro do Prazer – Reflexões Psicanalíticas
Autor: Rui Aragão Oliveira
Edição: Tiago Príncipe
Ilustração: Tom Leamon
Revisão: Carina Correia
Design: Begoña Claveria
Paginação: Ana Teresa Fernandes

Impressão:

1.ª edição

© 2023, TAIGA

www.taiga.pt

taigalivros@gmail.com

Associação Cultural Mandriões no Vale Fértil

Direitos reservados

ISBN: 978-989-53763-3-9

Depósito Legal:





ÍNDICE

Prefácio – Um Antelóquio ao <i>Prazer</i> – Carla Alexandra Gonçalves	7
Introdução.....	19
Capítulo 1 – O Prazer e o nascimento da Psicanálise – um contributo para a compreensão do funcionamento mental	25
<i>O Prazer na Civilização Humana</i>	27
<i>O Prazer no Ser Humano – Uma questão identitária</i>	30
<i>A descoberta da Psicanálise, o contexto sociocultural e a vivência do Prazer</i>	42
Capítulo 2 – O Prazer e o equilíbrio dinâmico-económico do Psiquismo.....	51
<i>Prazer, Dor, Desprazer e Aprazer</i>	58
<i>Que fazer com o Prazer?</i>	72
Capítulo 3 – Metapsicologia do Prazer	83
<i>Prazer e Masoquismo</i>	94
<i>Prazer e Agressividade</i>	100
Capítulo 4 – Notas sobre o Prazer e a clínica psicanalítica	109
<i>O Prazer de ser Psicanalista</i>	118
Comentário Final	129
Bibliografia.....	135







PREFÁCIO

Um Antelóquio ao Prazer
Carla Alexandra Gonçalves







Um livro sobre o *Prazer* é, sempre, uma oportunidade para se reflectir num assunto que, ainda hoje, se afigura como *extravagante*. Para aquele que o escreve, como para aquele que o lê, um texto sobre o *Prazer* poderá desencadear, ou aprofundar, uma dimensão que, sendo essencialmente humana, a história foi tentando dominar.

Rui Aragão Oliveira demonstra, com este seu escrito sobre o *Prazer*, uma coragem desmedida e, ao mesmo tempo, uma visão psicanalítica de grande profundidade que geram, em quem o lê (mesmo no público mais distante deste horizonte particular), uma primeira reacção inequívoca: o Prazer é uma dimensão complexa, dicotómica, ambivalente, *confuncional* e inquietante. Numa segunda resposta, somos levados a admitir que o Prazer não é vivido sempre da mesma forma, independentemente da vontade do sujeito, ou independentemente da idealização que o sujeito dele faz. Por último, retiramos desta leitura que o Prazer e a Dor, duas dimensões humanas que são parte da mesma estrutura, moldam a identidade do sujeito. Também entendemos que o prazer é uma aspiração humana, ainda que intimidante, por força da sua tradicional carga (essencialmente) negativa que provém do horizonte ético e moral disseminado durante séculos, primeiro pela filosofia desde a Antiguidade e depois pelo Cristianismo.

A filosofia do Prazer, assunto que Rui Aragão Oliveira traz ao livro, enraíza-se na Antiguidade. A distinção entre





prazeres falsos e verdadeiros, entre o prazer corporal e intelectual, por exemplo, enlaça-se com a ética e a moral que Sócrates e Platão impulsionaram. O prazer intelectual, o prazer da descoberta, o prazer na Verdade e na Beleza, ou relacionado com os valores absolutos, era defensável e *útil*, ainda que ficasse por determinar, objectivamente, a relação entre este prazer e as sensações (corporais) que provoca. O epicurismo e, depois, o estoicismo vieram fechar o sistema. Os primeiros, acreditando no valor dos sentidos humanos, defendiam que o prazer (que perseguiam) corresponderia à ausência de dor, de sofrimento e de medo. Nesta medida, as ideias nefastas (como a da morte), as frustrações, a violência, os desejos funestos e inúteis deveriam erradicar-se para se viver uma *boa vida*. Já os estóicos, pugnando pelo valor supremo da virtude (o bem que deveria alcançar-se para viver em felicidade), advogavam que os sujeitos deveriam controlar as emoções e os prazeres, ou alhear-se deles, usando a razão e o conhecimento (o *logos* que tudo habita) que permitem distinguir o que é verdadeiro daquilo que é falso e prejudicial. Para os estóicos, o sujeito deve viver de acordo com a lógica e os princípios da natureza, controlando, dominando ou eliminando racionalmente as paixões que afectam a serenidade e a tranquilidade (*apatheia*). O prazer, porque não define o bem, não é defensável.

De modo muito geral, o desenvolvimento destas teorias da ética helenística, particularmente a estóica, que sobrevive através do Império Romano, foi devidamente acolhido pelo cristianismo. O estoicismo está bem presente na cultura cristã, que, de entre outros





aspectos que os unem (e outros que os desunirão), aspira à virtude, ao domínio das paixões terrenas, à ascese.

No início do monaquismo e, depois, com o desenvolvimento medieval das fileiras mais radicais do cristianismo, verificou-se, a par da segregação do mundo como via de purificação, uma quase consagração da pulsão para um prazer de ordem sacrificial. O anacoretismo masculino, o emparedamento dos corpos femininos, as mortificações, a entrega da vida às mais repulsivas sevícias e à morte heróica fazem parte do nosso imaginário e constituíram-se como práticas passíveis de provocar os mais diversos tipos de prazer, sendo o último aquele que mais apetecia, relacionado com a vida eterna e purificada no mundo celestial, ao lado de Deus, ou o maior estado de prazer possível. O prazer retirado do emparedamento, das macerações e outros castigos auto-infligidos adensa a relação que Rui Aragão Oliveira explana, noutros moldes, entre o prazer e a dor, entre o prazer e o sofrimento extremo, entre o prazer e a morte, que se deve, também, relacionar com a pulsão para o desaparecimento do corpo, enquanto se deseja a vida perene, a outra-vida, noutro sujeito. Neste sentido, a dor que acompanha o sacrifício e a penitência revela vários horizontes de prazer: o da renúncia ao corpo (que é em si corruptível e por isso deverá domar-se); o que se retira no próprio domínio e subjugação do corpo (na dor, e que pode abrir as portas ao êxtase místico); o que se idealiza, espera e vislumbra na união com Deus.

E aqui caberiam agora outras palavras, sobre a relação entre o prazer e o sublime, porque neste abeiramento do fim que impulsiona a todos os precipícios. O sublime provoca, no sujeito, uma emoção dorida (uma comoção)





e tormentosa, dirigindo-se ao arrebatamento. Mais do que um prazer ético, o sublime reclama o prazer e o desprazer, por não se adequar aos normativos da razão e da natureza, ultrapassando-os e revelando a apetência humana pelo trágico, pelo abismo, pelo incerto e inseguro, pelo intempestivo, pelo ilimitado e infinito, pelas paixões grandiosas. O sublime liberta o sujeito das amarras da lógica racional, mas também da realidade sensível, potenciando a fantasia. E quem se encontra neste estado de grande *entusiasmo* pode descontinuar-se, como acontece com o fervor místico e religioso.

Já o prazer estético consubstancia uma resposta, regra geral a um acontecimento de ordem estética, e traduz-se em sensações, ou impressões psicofísicas que a arte pode (ou deve) despertar nos sujeitos. Este é impulsionado pelo Belo, um estado relativo ao que tranquiliza, apazigua, harmoniza, adequa e satisfaz de modo subtil. O prazer estético, que é sempre individual e relativo, não se obtém a partir da ideia de recompensa, nem por via de experiências violentas. A intensidade do prazer estético é condicionada pela experiência, pela memória, pelas expectativas, valores, formação, características personológicas, meio social e cultural, índices de criatividade, curiosidade, vulnerabilidade, disponibilidade e entrega, bem como pelas funções atencionais do sujeito, entre outros atributos, competências ou dimensões. Trata-se de uma sensação, ou de uma *emoção* que não se concilia facilmente com a razão e com o pensamento lógico e, por isso, com a sua verbalização, tornando-se difícil (se não mesmo impossível) de descrever.

Mas se o prazer estético é desinteressado, correspondendo ao *deleite desinteressado* a que a arte convida





(ou promete), permitindo-se por via de contactos mentais, contemplações e julgamentos, ao invés de se relacionar com o desejo e com a necessidade de posse, chama o *prazer pelo prazer*.

A arte, a beleza e, particularmente, o contacto com o (raro e grandioso) sublime permitem, então, sentir *prazeres variados*. Foi também por este motivo que a Igreja, ao longo da sua história, e ainda que de forma intermitente, foi forçando o afastamento dos olhos ao belo, ocultando imagens dissolutas, impuras, demasiado belas e que ofuscariam a mente que se requer equilibrada e sã, livre de excessos e de outras demasias que distraem e que encantam os sentidos. O decoro e a adequação funcionaram, em determinados momentos da história (da arte), como ditames de regulação dos prazeres, ou da sua evocação, como purificação das sensações que deveriam manter-se na estrita ordem da devoção e, também, do conhecimento. Todavia, julgamos que a emoção devocional, bem como o conhecimento, também proporcionam prazer.

No presente, quando o sujeito se vê (ou sente) menos *dirigido* pela Igreja, a instituição que, ao longo da sua história, assumiu a função de regular (as vontades d) o corpo, foi-se instalando um lento e progressivo campo aberto ao culto do(s) prazer(es). Apesar da força dos Estados que se substituíram paulatinamente à Igreja no controlo dos corpos (num frenesi biopolítico), a potência do prazer, como um bem que a tudo se sobrepõe, ganha terreno quotidiano podendo, inclusivamente, disfuncionalizar os que no seu encaço se enovelam e, eventualmente, se perdem (também nas constantes e perigosas *cedências ao id*, ou na alienação em relação à realidade). Rui Aragão Oliveira evoca aqui a hodierna *cultura narcísica* que se





vai saciando por via de recompensas, como a admiração e o reconhecimento (e, grande parte das vezes, graças ao desenvolvimento tecnológico propiciante). Trata-se, efectivamente, de um fenómeno que merece atenção, uma vez que também potencia a frustração e o esvaziamento, canalizando a energia vital para objectivos (frívolos e imediatistas, ou inconsequentes, no que concerne ao aperfeiçoamento da pessoa) que jogam com o (já de si tão naturalmente instável) equilíbrio psicofísico.

Uma vida que persegue incansavelmente o Prazer, associando-o à felicidade e ao bem-estar (e que também pode atingir-se por via da aceitação, do poder e da reputação), ou à fuga (porque a realidade é densa a ponto de magoar), ao alívio, ou à repetição de acções anteriores que o proporcionaram, pode provocar no sujeito uma intensa desarmonia, desde logo porque a vida não se basta ao prazer, fazendo-se e percorrendo-se no sofrimento, na dor, na desilusão, e, também, porque objectivando exclusivamente o prazer e a gratificação, o sujeito cederá constantemente aos instintos mais básicos, disfuncionalizando-se. Todavia, viver sem prazer(es) é vácuo e insatisfatório, causando diversas agonias e favorecendo a intensidade da dor, mas também do aborrecimento, da ausência, do desânimo, da desmotivação, e a indiferença.

Certo é que, conforme às palavras de Rui Aragão de Oliveira, tanto o prazer quanto a dor se constituem como «referenciais ou “instrumentos” ao serviço da elaboração mental e da organização identitária do sujeito» (p. 105).

É do prazer que advêm impulsos muito significativos, tais como o amor, o impulso para a arte, para a comunicação e partilha, para a acção e para o conhecimento, para a





devoção, de entre tantos outros que nos permitem escolher, evoluir, pensar, elaborar e sentir. Por outro lado, o prazer impulsiona a criatividade, a interação e a realização. Postas estas breves palavras, o prazer determina-se como uma dimensão fulcral da condição humana, mesmo que possa derramar na dor, no desencanto, na violência e na morte.

Rui Aragão Oliveira não termina as suas reflexões sem um espaço reservado ao prazer que o psicanalista retira do trabalho que desempenha, semelhante, em tudo, ao prazer puro que se sente na adequação, ou acomodação, ou na conformidade da acção aos seus fins. Trata-se de uma emoção semelhante, em tudo, ao amor puro, sem desejo e desinteressado e que também afecta as relações entre sujeitos, estabelecendo ordens sucessivas que, mediadas pela empatia, se transferem numa constante torrente que possibilita diversas trocas e transformações humanas.

Postas estas palavras de abertura, sempre incompletas, porque o assunto que elas versam é inesgotável, importa sobretudo reconhecer que o prazer se constitui como uma emoção psicofísica que gerou expressivas discussões teóricas desde a Antiguidade Clássica, mantendo-se até aos nossos dias. Que o prazer consiste numa aspiração humana e que os sujeitos o sentem nas mais diversas formas e intensidades não restam dúvidas. Do mesmo modo se assevera que há vários prazeres possíveis. Sobre se o prazer deverá associar-se ao bem, ao amor, à beleza e à virtude, ou, pelo contrário, à lassidão, à volúpia e aos excessos, dependerá da conjuntura social, política, cultural e mental de cada época. A história revela que esta disposição da alma é relativa, depende do género e da intensidade da vontade





(dos *apetites e desejos*) que lhe subjaz, do propósito, do alcance e, essencialmente, das suas consequências.

O prazer será, sempre, uma causa justa para o investimento em determinada acção e relaciona-se com ela.

Andando de mãos dadas com a dor, que, por sua vez, se pode julgar como a outra face de uma unidade que condiciona as acções dos sujeitos desde sempre (mesmo no tempo anterior à sua conceptualização e teorização), a sua evolução pessoal, as suas escolhas e comportamentos, o prazer poderá considerar-se como uma força que faz correr a roda do destino, ou da fortuna. Se, por um lado, se denotam prazeres que se elegem em detrimento das dores, também as dores poderão consistir em sensações que revertem em prazeres. A fechar este ciclo, também se determina que não haverá prazeres sem dores e que o prazer poderá descobrir-se no lugar onde a dor não existe, ou é pequena, ou breve.

Assim se termina este Antelóquio, ou as considerações que antecedem o livro que Rui Aragão Oliveira entrega aos leitores, assentando que o prazer faz parte e emoldura a condição humana. O problema que se colocará é, tão-só, aquilo que podemos fazer com o prazer, como o direccionar e governar, especialmente num ambiente como aquele em que nos achamos hoje, carregado de inquietações e de medos, tomado pela desesperança e pelas tantas perdas, pela ideia de que a utilidade, o sucesso e a produtividade se constituem nos bens a perseguir, mesmo que para isso tenhamos de nos desumanizar, de nos desvincular da natureza e de nos subalternizar em relação ao que é artificial. Este caminho que se trilha na direcção do novo mundo que deslumbra, promovido por





um insaciável apetite humano pela transformação, trará o que fomos e o que sabíamos ser. Esquecidos de nós, descontraídos na ambiguidade e demasiado envolvidos com os *fascínios* que o progresso tecnológico fomenta, havemos de encontrar o prazer nas fimbrias da nova humanidade, ou nas margens da nossa futura condição.

